



G
Garamond

Quem
é
Vicé?

FÁGUA



OU
GALINHA?



Jorge Linhares

QUEM
É
VOCÊ?

ÁGUIA
ou
Galinha?

JORGE
LINHARES

Segunda edição, 1997
MINISTÉRIO DE PUBLICAÇÕES GETSÊMANE
Rua Silvério Ribeiro, 360 – Jaraguá
Caixa Postal 360
31260-590 Belo Horizonte, MG

*“os que esperam no Senhor
renovam as suas forças,
sobem com asas como águias,
correm e não se cansam,
caminham e não se fatigam”.*

ISAÍAS 40:31

Introdução

- 1. Miopia Espiritual**
- 2. Nocauteando o Inimigo**
- 3. A covardia cede lugar à ousadia**
- 4. Olhos fitos no chão**
- 5. Nos limites do quintal**
- 6. Alçando vôo**
- 7. Águia ou galinha?**
- 8. Conclusão**

Devido à reação espontânea dos ouvintes, e o grande interesse pelas fitas gravadas da pregação Águia ou Galinha, sai ela agora impressa visando a atingir um público maior.

Nossa oração é que o prezado leitor, ao ler estas páginas, se sinta encorajado a levantar vôo rumo ao cume da montanha de Deus, para contemplar Jesus como Ele é.

APOCALIPSE 1:10-18

Eu fui arrebatado no Espírito no dia do Senhor, e ouvi detrás de mim uma grande voz, como de trombeta...

E virei-me para ver quem falava comigo. E, virando-me, vi sete castiçais de ouro; e no meio dos sete castiçais um semelhante ao Filho do homem, vestido até aos pés de uma roupa comprida, e cingido pelos peitos com um cinto de ouro.

E a sua cabeça e cabelos eram brancos como lã branca, como a neve, e os seus olhos como chama de fogo; e os seus pés, semelhantes a latão reluzente, como se tivessem sido refinados numa fornalha, e a sua voz como a voz de muitas águas.

E Ele tinha na sua destra sete estrelas; e da sua boca saía uma aguda espada de dois fios; e o seu rosto era como o sol, quando na sua força resplandece.

E eu, quando vi, caí a seus pés como morto; e ele pôs sobre mim a sua destra, dizendo-me: Não temas; Eu sou o primeiro e o último;

E o que vivo e fui morto, mas eis aqui estou vivo para todo o sempre. Amém. E tenho as chaves da morte e do inferno.

INTRODUÇÃO

Quem é Jesus para você?

Sua vida é o reflexo da visão que você tem de Jesus. Sua conduta corresponde à forma como você o vê. Se a seus olhos ele é fraco, impotente, limitado, derrotado, suas atitudes e ações serão pautadas pela debilidade, impotência, limitações e derrota.

Se a visão que você tem de Jesus é a de um Cristo grande, poderoso, vitorioso, sua vida reflete a sua grandeza e seu poder. Você é também um vencedor!

“Quem dizem os homens que sou eu?”, perguntou Jesus aos discípulos. (Mc 8:27)

“...Algum dos profetas”, responderam.

Essa é visão que o judaísmo tinha de Jesus. Ele é apenas mais um profeta. O emprego do artigo indefinido “algum” traduz bem a visão que tinham dele: Não sabiam bem quem ele era, nem o que se propunha fazer aqui.

Essa é a mesma opinião que têm os muçulmanos a seu respeito. Um dos profetas de Alá, porém inferior a Maomé.

Para o hinduísmo, religião da maioria dos indianos, Jesus é apenas alguém que se sacrificou para atingir um ideal, para alcançara a paz interior.

No budismo, Jesus é alguém que alcançou o nirvana – estado de ausência total de sofrimento; nível de paz, plenitude, sabedoria e quietude perpétua.

O espiritismo, por sua vez, considera Jesus um espírito que se encarnou, desencarnou e está por aí. Para os espíritas, Jesus é um espírito elevado, evoluído como tantos outros: Alan Kardec, Chico Xavier, Zé Arigó, Dr. Fritz. Para ele, Jesus não é Deus, nem Salvador. Apenas alguém que alcançou o grau máximo de perfeição.

No catolicismo Jesus permanece pregado na cruz. Uma vez por ano é retirado dali e deitado numa urna, por ocasião da Semana Santa. Na sexta-feira fazem seu enterro simbólico, e, na segunda-feira posterior ao domingo da ressurreição, lá está o cristo de volta à cruz. Para eles Jesus está morto.

O lema mundial da igreja católica é:

“Tudo por Jesus, nada sem Maria”.

Qualquer um pode enxovalhar o nome de Jesus, debochar dele perto de um católico, e ele

nem toma conhecimento. Mas não se pode dizer um triz contra Maria.

Por quê? Porque no catolicismo Maria está mais viva que Jesus. Jesus está morto. É essa a visão que têm dele. Não Vêm a Jesus como Deus.

Porque Jesus não realiza milagres em determinados lugares e grupos? Porque não o enxergam como Deus, como Senhor.

O mundo insiste a nos apresentar um Cristo morto. Entretanto, o Jesus exposto sob a ótica das religiões nada tem a ver com Aquele descrito nas Escrituras, e em especial na visão que teve o apóstolo João.

A visão que João tinha de Jesus era de um Cristo crucificado, deprimido, rosto sangrando por causa dos espinhos, lado transpassado, costas feridas, pés e mãos perfurados, expressão sofrida. Até o dia em que o viu na ilha de Patmos como ele realmente é.

Nenhum produtor até hoje reproduziu uma filmagem conforme a descrição de Apocalipse 1:10-18.

Quem já viu Jesus reproduzido com peito cingido com uma cinta de ouro? Uma foto dele com cabelos brancos e olhos de fogo?

Quando um grupo teatral monta uma peça sobre a vida de Jesus, que tipo físico escolhe para

papel principal? Um indivíduo magro, com aparência frágil, bastante debilitado.

“*Mas vós, quem dizeis que eu sou?*” é a pergunta que Jesus dirige a nós (Mc 8:29).

Em outras palavras, quem sou eu para você?
Como você me vê a mim?

Miopia Espiritual

Eu também já tive uma visão tacanha de Jesus. Sofria de miopia espiritual. Mas faz muitos anos. Na ocasião eu era seminarista, membro de uma das grandes igrejas de Belo Horizonte. O pastor me chamou e pôs diante de mim um grande desafio.

“Jorge, temos no bairro Floramar um salão com capacidade para mais ou menos umas trezentas pessoas, mas a congregação conta apenas com quatro membros. Você tem um mês para tentar levar o trabalho adiante. Se não der resultado, vamos passar o ponto para a Assembléia de Deus”.

Resolvi encarar o desafio. No primeiro dia evangelizei a tarde toda, de casa em casa, convidando as pessoas para a reunião à noite.

À hora do culto lá estava eu todo elegante: calça com vinco bem forte; paletó xadrez, que mais parecia um tabuleiro de dama; gravata “língua de vaca” com nó “cabeça de boi”.

Coloquei os presentes para se colocarem de pé para a leitura do texto bíblico. Quando comecei a ler, uma mulher que estava assentada lá atrás, uma das pessoas que eu havia convidado, veio correndo entre os bancos até a plataforma. Inclinei-me para atendê-la, supondo que desejasse conversar comigo.

- O quê a senhor deseja?

Mas ela não disse palavra. Olhou para mim, retirou da jarra uma das rosas que colocamos ali de enfeite, e começou a comê-la.

- Pare de comer essas rosas, falei.

- Não paro, respondeu com voz sufocada.

(Na ocasião eu era conselheiro dos jovens. Quando alguém se convertia, levávamos a pessoa para uma saleta ao lado para dar-lhe algumas orientações básicas. Se porventura, o diabo se manifestasse, chamávamos o pastor para libertar a pessoa.)

E eu fiquei ali, vendo-a mastigar as rosas, temeroso, sem saber o que fazer.

“Meu Deus”, clamei interiormente, “logo na primeira noite, acontece uma coisa dessas. Que eu faço agora?”

Para minha surpresa, ela não se contentou só com a flor, e começou a mastigar também o caule cheio de espinhos. E sua boca começou a sangrar.

- Não faça isso. A senhora está-se machucando, insisti.

- Faço.

Eu quase disse a ela: pode levar todas, mas vá se sentar lá no último banco. Melhor ainda seria a senhora ir lá pra fora.

(mas tratava-se de uma batalha espiritual. Era o inimigo tentando destruir meu ministério antes mesmo de eu iniciá-lo.)

“Meu Deus, me socorre!” clamei outra vez.

A primeira visitante agindo daquela forma estranha. Os quatro membros curiosos para ver como se sairia o novo pastor. E eu ali, pasmo.

“Jesus, o que o Senhor vai fazer agora? Não tenho a mínima idéia de como agir”, orei.

Insisti com a mulher, mas, ao invés de me atender, ela correu pelo corredor até a saída, bateu-se contra a parede, e voltou. Pegou outra flor e comeu. Foi e voltou várias vezes.

-Você não quer comer essas rosas lá fora?

-Não. É aqui que eu quero comer.

Naquele momento foi como se tivesse me dado um “clic”, um minuto de lucidez, só entre mim e Deus. Temeroso, com os joelhos trêmulos, desci da plataforma e caminhei na sua direção.

- Em nome de Jesus, pare de correr e de comer essas flores, ordenei. Espírito maligno, sai dessa mulher, sai agora.

No mesmo instante ela caiu, e ficou ali prostrada.

Aproximei-me e disse:

- Acorda.

Ela se levantou meio atônita. Ajudei-a a se assentar e não tirei os olhos dela.

Fiquei deslumbrado. Até então não tinha consciência do poder de Jesus. Descobri que aqueles chavões que eu acostumava declarar continham uma força que eu desconhecia. Palavra que eu repetia sem convicção. Foi então quando me conscientizei da visão tacanha que tinha de Jesus. Reconheci que pregava sem a convicção plena do poder da Palavra. Enautecia uma fé que eu mesmo não experimentava. Vi que o poder do nome de Jesus não operava só na vida dos outros, mas através da minha. Até então minha fé se apoiava no Jesus dos outros.

É esse o seu caso? Pede oração a todo mundo: pai, mãe, pastor, mas você mesmo não tem uma experiência com o poder operante de Jesus? Leva uma vida espiritual como que de muleta, apoiando na fé dos outros? Parece mais um pé de tomate?, todo escorado, amarrado a estacas para não cair, do contrário se esparrama todo pelo chão?

Você precisa ter uma visão de Jesus como ele é.

Nocauteando o inimigo

Entusiasmado com a primeira experiência, vendo a mulher liberta, sentada bem ali na minha frente, estufei o peito tal qual um galo garnisé, bati no púlpito e disse:

“Aqui agora é assim, irmãos. O demônio que se atrever a manifestar-se vai ter de sair. Esta igreja a partir de hoje tem pastor. Se alguém tem em casa algum parente possesso, oprimido pelo diabo, pode me chamar que vou lá orar; ou, se preferir, traga-o aqui”.

Redobrei os esforços e distribui muitos convites para o culto dos jovens, no sábado seguinte.

Preparamos umas lembrancinhas para dar aos visitantes, e uma boa salada de frutas para saborearmos juntos ao final.

Enquanto me dirigia para a reunião, meu coração recebeu uma nova porção de fé. Quando ia entrando no templo uma garotinha me abordou.

- O senhor é o pastor?

- Sou, respondi. (Ainda não era pastor, mas senti bem em ser tratado como tal).

- Então o Senhor podia ir lá em casa. O problema é o meu padastro. Ele está quebrando tudo.

Chamei minha esposa e disse:

- Volto já.

E segui a garota. A casa ficava quase em frente à igreja.

Entreí e deparei-me com a seguinte cena: móveis virados, vários objetos quebrados e um homem forte estirado no chão, sem camisa, rosnando e babando, todo suado, e com uma Bíblia no peito. A maior confusão.

Eu já tinha visto demônio comer rosa com espinho e tudo, mas babar e roncar, essa era novidade para mim.

- Qual o problema? Indaguei: o que está acontecendo com o senhor? Porque está babando?

- Não te interessa, respondeu.

Furioso, de um salto pôs-se de pé e começou a dar gargaladas e a rasgar e a comer a Bíblia. Foi que percebi o quanto ele era maior e mais forte que eu. Fiquei mudo.

A garota conseguiu pegar a Bíblia. Então ele me agarrou pelo colarinho e prensou-me contra a parede, rindo de mim.

“Meu Deus”, pensei. “O que eu vim fazer aqui? Teria sido melhor eu ter ficado quietinho apenas esquentando banco. Pra que fui aceitar essa de pastor?”

- Me largue, falei quase sem ar.

- Cuidade, pastor, ele é lutador de boxe, gritou a garota.

O seu grito ficou gravado em minha memória. Isso já faz quase vinte anos, mas em qualquer lugar do mundo que eu ouvir outra vez o seu grito, eu o conheço.

- Por que você não me avisou?

Imaginem só. Na época eu pesava uns cinqüenta e cinco quilos; aproximadamente vinte e cinco a menos do que peso agora.

- O que você veio fazer aqui, rosnou, esfregando-me na parede, agarrado à minha gravata, quase me enforcando.

- Vim porque me chamaram. Eu nem deveria estar aqui, respondi enquanto tentava escapar dali.

(embora inconsciente, tudo isso estava-me acontecendo porque Deus desejava coisas novas em minha vida.)

Ele me ergueu, e de punho cerrado afastou o braço num gesto de quem ia me desferir um golpe.

“Senhor”, clamei. “Eu nunca levei um soco de ninguém. E o primeiro vai ser logo de um boxeador? Eu vou morrer com um soco? Meu Deus, livra-me desse homem”.

Naquele momento imaginei meu nariz indo parar lá na nuca.

- Eu vou te matar, gritou. Vou te matar.

- Pastor, ele vai matar o senhor, disse a garota.

“Jesus, tem misericórdia de mim. Ta repreendido demônio”.

Dei um pulo para o canto da sala e ele prostrou-se à porta de saída. Eu não tinha para onde fugir. A garota, apavorada, saiu correndo e me deixou ali sozinho com ele.

Ele me agarrou outra vez, me fustigando, me prensando na parede.

Ajuntando o pouco de força que me restava, ordenei:

“Sai dele em nome de Jesus”.

Em instantes, aquele homem foi desmoronando diante de mim, deslizando por minhas costelas reco-reco, arfando com um bafô terrível de cachaça, até cair com a cabeça entre minhas pernas.

Afastei-me dele e fui procurar a garota, que já voltava com alguém para me auxiliar.

- Onde está ele, perguntaram.

- Está lá na sala, respondi. Mas chamem a polícia, que o homem está caído no chão.

Voltei, e para surpresa minha ele estava sentado no sofá. (Aliás, o único objeto ali que resistira ao quebra-quebra.)

- O que aconteceu aqui? Perguntou. O que aconteceu comigo?

- Você quebrou tudo. Desmontou sua casa. Você estava possesso.

- Não pode. Eu não vi nada.

- Mas foi você mesmo. Ou melhor o demônio que estava em você.

- Foi o senhor que orou por mim?

- É, foi.

Então ele, me abraçando, falou:

- Me ajuda, pastor. Eu preciso muito de ajuda.

Fiquei ali pasmo, morrendo de medo dele.

Mas mesmo relutante o abracei.

-Saiu alguma coisa estranha de mim. Me sinto livre, disse. E de onde veio o senhor?

- Sou pastor da igreja que fica logo ali.

- Então vou lá.

- Mas nossa igreja só tem bancos vazios, tentei tirá-lo de cabeça. Contudo foi em vão.

Voltei para a igreja, e ele me seguiu. Dirigi o culto de olhos pregados nele. Não os fechei nem para orar. Quando fiz o apelo, ele foi à frente e

rendeu sua vida a Cristo. Parou de beber e fumar. E a partir daí estava sempre, mas reuniões. Dois meses depois o batizei (sem gravata!).

Todo aquele medo que experimentei diante desse homem possesso era evidência da vida medíocre que eu vinha levando, fruto de uma visão tacanha de Jesus. Cria no poder da oração do meu pastor mas não cria no poder da minha oração. Via o poder de Deus na vida dele, mas não o via em mim. Foi necessário que Deus me pusesse frente a frente com aqueles dois desafios para me abrir os olhos.

Quando parei para pensar naquelas duas primeiras conversões – a mulher das rosas e o boxeador – foi quando compreendi que Jesus não cabe na compreensão de nossa mente, que nossa cabeça é muito pequena para comportá-lo. Nós é que precisamos nos elevar ao plano em que Cristo está, para assimilar a grandeza e o poder que há no seu nome. Naqueles dias compreendi que o meu Deus não era apenas o Deus de Abraão, Isaque e Jacó, e de Pedro; ele era também o meu Deus, o meu Senhor. O Jesus que me dava autoridade sobre os demônios não atuava só através do meu pastor, mas desejava manifestar seu poder através de minha vida. Aleluia!

Hoje, graças a Deus, quando me deparo com casos de possessão demoníaca, meus joelhos não tremem mais. Quem treme é o diabo.

Da mesma forma que Deus libertou aquele homem e aquela mulher usando a mim, ele deseja usar você. Ele deseja tornar cada um de nós instrumentos de libertação. Antes, porém, necessitamos que ele mude nossa mentalidade e nos abra os olhos para que o vejamos como ele é.

A covardia cede lugar à ousadia

Quando iniciei meu curso de História na Universidade Católica não disse a ninguém que eu era evangélico. Tive vergonha de me identificar com Jesus.

Passada uma semana, num sábado, durante a aula de educação física, estávamos eu e alguns colegas sentados à beira da piscina, quando um deles pegou um copo de cerveja e fez questão de passá-lo no meu nariz, encostando-o nos meus lábios.

- Toma, Jorge.

- Não, respondi.

Logo depois o professor nos chamou para mais alguns exercícios. Aí um outro rapaz se aproximou de mim, e disse:

- Olha, Jorge, nós conseguimos umas garotas para irem conosco para um sítio. O proprietário, pai de uma delas, vai viajar. E o espaço vai ficar por nossa conta. Somos ao todo cinco rapazes e cinco

moças. Vamos botar pra quebrar. Você vem com a gente?

- Não posso. Amanhã tenho muitas coisas pra fazer, desculpei-me.

- Vamos, rapaz. Ou você é gay?

- Não; claro que não.

Você não bebe cerveja; não quer sair com mulher. Afinal, o que você é?

- Sou o Jorge.

Gozaram um pouco mais de mim e foram embora.

No domingo, de forma inesperada, o pastor virou-se pra mim e disse:

- Ei, Jorge, venha cá. Hoje é você quem vai dirigir o louvor.

- Eu? Logo eu, que nunca dirigi louvor?

- Você mesmo.

Peguei o microfone e cantei os dois corinhos que conhecia bem.

“A graça de Jesus jamais nos faltará...”

A guitarra ia para um lado, e eu para o outro.

“Põe tua mão na mão do meu Senhor...”

E foi só. Naquele momento o Espírito me disse:

“Jorge, você acha que preciso de você?” Aí me vieram à mente aqueles primeiros dias na universidade, quando me acovardei e omiti meu comprometimento com Jesus.

“Você acha mesmo que preciso de você. Jorge”, insistiu o Senhor.

Aproximei-lhe do pastor, entreguei-lhe o microfone, e disse:

- Eu não sou digno de ser cristão.

- Mas por quê?

- Eu não posso cantar. Desde que iniciei na universidade, ainda não tive coragem de dizer a nenhum colega que sou evangélico; e muito menos para a classe, que tem apenas cinquenta e cinco alunos. Quero pedir perdão a Deus aqui mesmo.

- Vou ajudá-lo a resolver esse problema.

Levou-me ao gabinete, e me pôs nas mãos uma pilha de folhetos e evangelhos de João.

E concluiu:

- Amanhã mesmo dá um jeito de reparar para com Deus esse malfeito.

Cheguei à universidade bem antes do início das aulas, por volta das 06:30 h, e coloquei em cada carteira um evangelho recheado de folhetos.

Quando os alunos chegaram, disseram uns:

- Passou um doido por aqui. Tem crente na área.

- Sou eu. Eu sou crente, falei em firme e bom tom.

- Você? Então é por isso que não quis beber, completou outro.

Nesse ínterim chegou o professor e quis saber a razão do tumulto.

- Professor, todo esse movimento é porque eu disse que sou crente.

- Você? Quer dizer então que você é daqueles que não podem fumar, não podem beber, não podem fazer nada?

- Mais ou menos. Eu posso todas as coisas, mas tenho domínio sobre elas.

Minha próxima ação foi mais audaciosa. Dirigi-me ao gabinete do diretor, já na ocasião arcebispo metropolitano e Belo Horizonte, e bati à porta.

- Dom Serafim, com licença.

- Entra, rapaz.

- Sou crente em Jesus, membro de uma Igreja Batista. Passei no último vestibular e comecei o curso de História. Estou aqui porque desejo autorização para entrar em todas as salas e falar de Jesus.

- Aqui não é lugar disso, não, respondeu.

- Foi Jesus quem mandou o senhor me dar essa autorização. Eu só vim aqui buscá-la. Quero falar de Jesus para todos os alunos. E mais, preciso do auditório toda sexta-feira, durante uma hora, para realizarmos uma reunião.

- Volta daqui a uma semana, respondeu.

Preciso de tempo para pensar.

Uma semana depois, lá estava eu. Sem dizer palavra, estendeu-me uma folha datilografada, com o timbre da universidade. Era a autorização que me credenciava a convidar os alunos para as reuniões semanais do “Clubão Evangélico”.

Saí do gabinete louvando ao Senhor, pulando de alegria. Atrás deixei a timidez e a vergonha. Pela graça e misericórdia do Senhor, a covardia cedeu lugar à ousadia, à intrepidez.

Olhos fitos no chão

Do alto de um edifício, vigésimo quinto andar de um hotel, um homem observava encantado o fluxo rápido e confuso dos veículos nas imediações. Bem embaixo de sua janela um motorista estava às voltas com um problema no motor do carro, que enguiçou bem ali. De sua posição privilegiada, conseguia ver a fluência do trânsito num raio de cinco, seis quarteirões, e observava os motoristas manobrando para tentar uma posição melhor. Alguns, impossibilitados de ver adiante, insistiam em pegar justamente a pista onde estava o automóvel enguiçado. Julgando estar ganhando tempo, optavam pelo trajeto que os fazia atrasar.

“De onde eu estava podia ver o quadro inteiro”, relata ele. “se me fosse possível comunicar-me com eles, poderia orientá-los e dizer-lhes exatamente o que fazer para atingirem o seu objetivo.

“Nós agimos da mesma forma que aqueles motoristas mal direcionados, enquanto trajetamos pela estrada da vida. Insistimos em escolher nosso próprio caminho. Escolhemos o trajeto que, em nossa limitada visão, nos parece melhor, só para descobrirmos que a aparente vantagem só serviu para nos enveredarmos por um caminho onde, mais adiante, nos aguarda muita dor de cabeça e mais atraso”*.

“Contudo, como é maravilhosos saber que podemos olhar para Aquele que está lá no alto, acima de tudo e de todos. Nosso Pai celeste vê não apenas cinco ou seis quarteirões à frente, mas toda a trajetória, do começo ao fim...”¹.

Durante muito tempo Jó manteve os olhos voltados para o chão, para as circunstâncias. As teses que defendera era, produto da visão limitada que tinha do Senhor e do que o aguardava à frente.

Até que um dia levantou os olhos e viu a Deus. Desviou o olhar do chão e fixou-os no Altíssimo.

“...agora os meus olhos te vêem.” (Jó 42:5).

Maria Madalena, na manhã da ressurreição, foi ao túmulo com o intuito de embalsamar o corpo de Jesus. Chorando, abaixando-se e olhou para dentro do túmulo.

¹ *Our Daily Bread (nosso pão de cada dia), 2 de novembro de 1966, publicado por Radio Bible Class, Michigan - USA*

“*Mulher, por que choras?*” perguntaram-no os dois anjos que ali estavam.

“*Porque levaram o meu Senhor, e não sei onde o puseram*”, respondeu (Jo 20:13).

Voltando-se viu um homem que julgou ser o jardineiro. Ela não reconheceu Jesus.

Maria Madalena estava olhando para baixo. Procurava entre os mortos Aquele que vive pelos séculos dos séculos. Sua visão estava distorcida pelo estrabismo² da derrota e da morte. Olhou para Jesus e viu um simples jardineiro.

À semelhança de Maria, dois discípulos, a caminho de Emaús, não reconheceram Jesus. Fizeram a viagem lado a lado com ele, mas julgavam-no um estranho.

“*Os seus olhos, porém, estavam como que impedidos de o reconhecer*” (Lc 24:16).

Quem olha para Jesus e vê apenas um jardineiro, está com olhar voltado para a terra. Quando andamos lado a lado com Jesus e não mais o reconhecemos, porque nos deixamos cegar pelas circunstâncias.

Muitos filhos de Deus ainda não aprenderam a ver Jesus como Senhor e Rei.

“*Então se lhe abriram os olhos, e o reconheceram...*” (Lc 24:31).

² Estrabismo: Deficiência de um ou de ambos os olhos no tomar sua posição de fixação binocular adequada; vesguice.

O próprio Senhor se dignou aviar a receita para nossa “visão” deficiente, limitada pelas circunstâncias adversas e até mesmo por pequenos problemas do dia-a-dia.

“Aconselho-te que de mim compres... colírio para ungires os teus olhos, a fim de que vejas” (Ap 3:8).

Uma jovem seminarista disse que não conseguia entender como Jesus poderia ter vencido o diabo na cruz, uma vez que o maligno continua atuante na terra.

Quem não vê vitória no Calvário sofre “das vistas” espiritualmente. Precisa elevar os olhos ao céu e contemplar Aquele que tudo vê. Necessita desviar os olhos do chão e olhar *“firmemente para o Autor e Consumador da fé, Jesus... assentado à destra do trono de Deus”* (Hb 12:1).

Davi não temeu enfrentar Golias, quando todo o exército de Israel se intimidou perante ele. Sua coragem, sua audácia devia-se à visão que tinha do seu Deus. Davi não olhava para baixo, para o vale onde se encontrava o inimigo, mas para o alto, onde podia contemplar o Senhor dos Exércitos, o Deus vivo, e de lá receber orientação.

“A ti, que habitas nos céus, elevo os meus olhos!... os nossos olhos estão fitos no Senhor, nosso Deus...” (Sl 123:1,2).

Nos limites do quintal

Numa manhã muito fria, na Coréia, alguns soldados estavam em forma, ao lado do caminhão-restaurante do batalhão, aguardando sua vez de receber a refeição matinal.

O correspondente de um jornal deteve-se a olhar um jovem soldado, barbudo, com o uniforme e as botas cobertos de lama, e o semblante denotando imenso cansaço. Depois de algum tempo ao lado do soldado, observando-lhe os menores gestos, o jornalista abordou-o, gentilmente, com a seguinte pergunta:

- Se porventura Deus lhe proporcionasse o que você mais deseja, o que lhe pediria?

O soldado permaneceu em silêncio por alguns instantes, sentindo a esperança renascer em seu coração, e depois respondeu pausadamente:

- Eu lhe suplicaria que me desse o dia de amanhã!

Nenhum pedido excepcional, irrealizável, inusitado. A maior aspiração daquele soldado era sobreviver a tudo aquilo por mais um dia.

Que visão limitada da vida! Que visão tacanha de Deus! Visão típica da galinha – limitada, voltada para o chão, para uns poucos grãos.

Certa senhora, cuja atividade exigia que lesse muito, começou, depois de certo tempo, a enfrentar certas limitações com as vistas. Procurou então um oculista, e esse lhe disse que seu problema era apenas “vista cansada”. Teria que dar um jeito de descansá-las. Mas ela retrucou dizendo que dependia muito dos olhos e não poderia deixar de trabalhar. Ele perguntou então se de onde morava ela tinha uma visão ampla, sem construções ou obstáculos próximos. “Sim”, foi a resposta. Do alpendre podia contemplar os picos de uma famosa cadeia de montanhas e da janela dos fundos, lindas colinas.

Seu problema estava resolvido. Diariamente deveria desviar os olhos dos papéis e olhar fixamente, por dez a vinte minutos, para o ponto mais alto e distante possível. Olhar à distância seria um excelente descanso para suas vistas – garantiu-lhe o oculista.

“No campo espiritual dá-se o mesmo. Os olhos da alma freqüentemente se cansam de olhar para os problemas e dificuldades que enfrentamos aqui. Olhar para cima, bem ao longe, restaura nossa percepção espiritual.

“Muitas vezes nos sentimos como o salmista: *“Não têm conta os males que me cercam; as minhas iniquidades me alcançaram, tantas, que me impedem a vista...”* (Sl 40:12)”³

Jesus disse que e um quiser segui-los terá que aprender a olhar para frente.

Esse é o problema da galinha. Sua visão é deficiente. Além do mais, seus olhos laterais não lhe permitem fixar ambos num mesmo alvo. Para pegar um grão ela inclina a cabeça. Porque o vê com apenas um dos olhos. Não consegue fixá-los naquilo que deseja.

Semelhantes à galinha, muitos cristãos têm olhos laterais, que nunca olham simultaneamente na mesma direção – um olho está em Jesus e o outro no mundo. Na igreja cantam música de louvor; em casa, músicas mundanas, de conteúdo impuro, lascivo, negativo. Na igreja passam a imagem de um comportamento exemplar. No trabalho, na escola, sua conduta deixa muito a desejar. Com os de fora, são solícitos. Em casa não

³ *Our Daily Bread*, 06 de junho de 1968, publicado por *Radio Bible Class*, Michigan – USA.

são capazes de lavar um copo. Têm cada olho voltado para um lado. Espiritualmente são estrábicos.

O filho pródigo tinha visão própria de galinha. Um olho estava no pai; o outro, no mundo. Por isso o mundo o seduziu. E ele disse ao pai:

- Pai, eu vou para o mundo.

- Se é isso que deseja, filho, então vá.

E ele se foi. Mas voltou cabisbaixo, despido, sem autoridade. Sua visão lateral tornou-o presa fácil do inimigo.

Deus não nos chamou para ter visão de galinha. Galinha só olha para os lados e para baixo. Nunca para o alto. Toda sua expectativa está ligada ao chão.

Galinha tem asas; mas não levanta vôo.

Tem olhos, mas não ataca.

Tem bico, mas não ataca.

Tem pés, porém não é ligeira.

Tem garras, mas não se defende.

O destino da galinha é ser caça.

Seu mundo se resume num quintal.

Quem tem olhar dispersivo ou vive olhando para o chão, jamais teve uma visão real de Jesus.

Estevão teve uma visão de Jesus, e seu rosto brilhou. E Paulo, quando se deparou com ele, caiu prostrado ao chão, cego, e precisou ser conduzido por outrem. E o apóstolo João disse:

“Quando o vi, caí a seus pés como morto...”
(Ap 1:17)

Jesus quer se revelar a nós para ampliar nossa visão além dos limites do “quintal” em que temos vivido até agora. Deus nos habilitou a enxergar sem distração, sem dispersão. Deus não nos criou com olhos laterais.

Nossos olhos são frontais. Fixemos ambos em Jesus.

Alçando vôo

“...remonta a águia e faz alto o seu ninho?

“Habita no penhasco onde faz a sua morada, sobre o cume do penhasco, em lugar seguro”. (Jó 39:27,28)

Uma equipe de ecologistas americanos propôs-se o desafio de estudar o comportamento das águias. Munidos de uma filmadora com lentes de longo alcance, de até 500 m, decidiram escalar as montanhas do Colorado. E acompanharam dali o processo de construção do ninho de uma águia, num daqueles picos gelados, bem na encosta, no ponto mais perigoso, inacessível. A camada externa era toda de espinhos; a segunda, gravetos sem espinhos, peles de animais e capim. O interior era todo revestido de penas. Depois de concluído tinha dois metros de profundidade e três de diâmetro.

Apesar da neve cá fora, o ninho era todo quentinho, aconchegante, e totalmente protegido do vento.

Os penhascos são o lugar preferido das águias. Constroem lá seu ninho, e o conservam por toda a vida. Se ele cai ou sofre depredação, faz outro no mesmo lugar.

De hábitos sedentários, possuem morada própria, fixa, e não admitem intrusos no ninho.

Várias vezes na Bíblia Deus associa sua maneira de agir conosco com a da águia. Em Isaías 40:30, ele compara à águia aqueles que nele esperam. E se assim o faz é porque certas características de águia devem fazer parte de nossa vida – são qualidade que ele deseja ver em nós.

As águias, notáveis pelo seu tamanho e vigor, são as aves mais fortes que existem. Devido à sua imponência, ferocidade, valentia, nobreza, figuram nos emblemas e escudos das nações desde os tempos da antiga Babilônia.

Os olhos muito grandes e frontais as diferem das demais aves, e lhe proporcionam uma visão ampla, panorâmica, que lhe permite lá em cima espreitar a presa aqui em baixo. Dificilmente uma presa escapa às suas fortes garras.

Todos os animais que têm olhos frontais são caçadores. A águia é uma caçadora. Prefere alimentar-se de animais vivos – pequenos mamíferos, aves, cobras, peixes, insetos.

Não come nada em estado de decomposição.

Tampouco bebe água suja. Sua possantes asas lhe permitem um vôo impetuoso, porém seguro e bem direcionado.

É monógama. Só aceita um único macho durante toda a vida. Não se “prostitui”.

É livre. Vive em liberdade e não aceita cativo. Se presa, não come, nem bebe.

Enfrenta a fúria das tempestades; dos ventos retira a força necessária para alçar vôo aos picos mais elevados.

É corajosa e destemida. Essa é uma característica própria da águia – ela não se intimida diante de uma tempestade. Quanto mais forte o vendaval, mais alto ela sobe.

Quando vê o prenúncio de um vendaval, sai logo do ninho, abre as asas, estufa o peito, e aproveita a fúria dos ventos para alçar vôos mais altos.

Aproveita os redemoinhos, as intempéries, porque gosta de estar acima das nuvens.

À medida que os filhotes vão crescendo ela vai retirando primeiro as penas, depois o capim, para que os espinhos criem certo desconforto, e eles alcem vôo.

Deus nos chamou para sermos águia. Para olharmos de cima. Para alçarmos vôo face às

circunstâncias adversas. Para vivermos nas alturas – sem nos cançar, sem nos fatigar.

O alvo da águia é ganhar altura.

Façamos como Davi: “*Os meus olhos se elevam continuamente ao Senhor...*” (Sl 25:15).

“*Pois em ti, Senhor Deus, estão fitos os meus olhos...*” (Sl 141:8).

Ser uma águia depende da visão que se tem de Jesus. Quem tem uma visão tacanha do Rei dos reis jamais será uma águia.

De período em período a águia renova sua plumagem. Quando as penas estão por cair, a águia empreende um vôo veloz e mergulha nas águas de um rio para, com o choque, desprender as penas velhas. Aí então levanta vôo com a força do novo plumacho. É assim que ela rejuvenesce (Sl 103:5).

Nossas forças também podem se renovar. Basta que mergulhemos no rio de Deus, no rio da vida.

Deus quer que sejamos águia. Jesus quer que voemos na tempestade. Quer que sejamos caçadores. Que enfrentemos o vento, e, quando vier a luta, subamos mais alto ainda.

Sou grato a Deus, por estar-me ensinando a ser águia. Eu me recuso a ter a visão limitada, estrábica e medíocre de uma galinha.

Eu quero ser como águia.

Quando Jesus perguntou ao cego:

“Que queres que eu te faça?”

Ao que o cego respondeu:

“Mestre, que eu torne a ver”.

Se desejamos ter nossa visão de Jesus totalmente mudada, ou restaurada, precisamos fazer a oração do cego:

“Que eu veja, Senhor”. Que eu te veja como tu és.

Queremos voar com asas como águia? Busquemos renovar a visão que temos de Jesus.

Onde estamos? No alto do rochedo como a águia ou com os pés bem plantados no chão, nos limites de nosso pequeno “quintal”?

Apreciamos uma forte tempestade e aproveitamos sua força para subir, ou preferimos catar grãos de uma bênção aqui, outra ali?

Jesus quer abrir-nos os olhos e transformar-nos em águias, para alçarmos vôo com ele.

Ele nos deu visão frontal para o contemplarmos em toda sua plenitude. Rejeitemos toda tentativa do diabo em querer condicionar nossa visão às limitações de um quintal. Desfaçamos toda a obra das trevas que tem tentado manter nossos olhos no chão, voltados para as circunstâncias.

Águia ou galinha?

Em *Estórias de Bichos*, Rubem Alves fala de uma águia que, criada num galinheiro, foi crescendo ali, convencida de que era galinha.

Bem diferente das outras – grandalhona, olhos frontais, bico adunco e grande demais, asas enormes –, tentava a todo custo imitar o que as galinhas faziam.

Até que um dia um alpinista, passando por ali, surpreso perguntou-lhe:

- Que é que você, águia, está fazendo no meio das galinhas?...

- Não me goza. Águia é a vovozinha. Sou galinha de corpo e alma, embora não pareça.

Percebendo que argumentar seria pura perda de tempo, colocou-a num saco e seguiu seu caminho até as montanhas. Lá bem no alto, sacudiu o saco e deixou-a cair, Não tendo em que se agarrar, debateu-se apavorada, até que a águia, “há muito tempo adormecida e esquecida” dentro dela, “acordou se apossou das asas e de repente voou...”

Essa estória, embora muito interessante, não passa de lenda. Uma águia jamais se sujeita a levar a vida medíocre de uma galinha, e muito menos se deixar prender num galinheiro.

Tudo que uma águia tem em comum com uma galinha são asas, bicos, pés, garras, e penas. Pertencem ambas à espécie das aves. E as semelhanças param por aí. As diferenças, sim, é que nos interessam, pois, no que diz respeito à natureza de ambas, nada têm em comum.

A galinha, temerosa, foge ao primeiro sinal de perigo. A águia, intrépida, enfrenta o perigo; não se deixa vencer.

“...Deus não tem nos dado espírito de covardia, mas de poder...” (2Tm 1:7). Deus quer nos libertar do espírito temeroso, próprio da galinha, e nos dar a intrepidez e a coragem da águia.

A galinha se sujeita a ficar presa; se acomoda ao cativo. Com um simples barbante se prende uma galinha ao pé de uma mesa. A águia, não. Ela não aceita o cativo. Ela tenta romper o laço; se não o consegue, tenta cortar o pé da mesa; e se ainda assim não se liberta, debate-se até cortar os pés. Voa sem pés, mas se nega a perder a liberdade.

Ninguém jamais viu uma águia numa gaiola, nem mesmo num zoológico.

Não nascemos de novo para viver confinados no terreiro de uma vida medíocre. *“Pra a liberdade foi que Cristo nos libertou... não vos submetais de novo a jugo de escravidão”*. (Gl 5:1).

Águia e galinha têm asas. Mas galinha doméstica não voa. O vôo mais alto que empreende é para pular uma cerca. Se a soltamos de um telhado, por mais que se esforce, acaba no chão. Aliás, suas asas só lhe servem para suavizar a descida. Só sabe viver no rasteiro, ao nível do chão. A águia não. Suas asas a levam acima das nuvens; levam-na ao seu habitat natural – as alturas.

“Habita no penhasco onde faz a sua morada sobre o cume do penhasco, em lugar seguro” (Jó 39:28).

Deus nos fez para alçar vôo. Ele não deseja que seus filhos vivam rastejando. *“... os que esperam no Senhor... sobem com asas como águias...”* (Is 40:31). Sobem como (... *a águia que voa pelos céus*)” (Pv 23:5).

Quando uma tempestade ameaça cair, a galinha corre para um abrigo. A águia, ao contrário, adora um vendaval, porque quanto mais forte o vento, mais alto ela voa. Vale-se das intempéries para desenvolver suas asas, vigorá-las ainda mais poderosas. *“Seu vôo é impetuoso”*. (Dt 28:49).

E para nós, uma “tempestade” é uma ameaça ou um desafio? Diante da adversidade escondemo-nos e deixamos escapar a oportunidade de “subir” espiritualmente?

O mundo da galinha se resume a poeira, lama, sujeira. O da águia não tem limites. O seu limite é o céu.

No seu cântico, Ana declara:

“O Senhor... levanta o pobre do pó, e desde o monturo exalta o necessitado...” (Sl 40:2).

“Ele ergue do pó o desvalido, e do monturo, o necessitado” (Sl 113:7).

O projeto de deus para nós começa exatamente aqui: tira-nos da lama, do monturo, e firma nossos pés na Rocha que é Jesus. Mas não pára aí. Descortina diante de nós um mundo de possibilidades para que possamos crescer e voar.

A águia é fiel por natureza. Só aceita um único macho durante toda a vida. A galinha se sujeita a compor o “harém” de um galo.

Quando me deparo com um jovem que se gaba de ser conquistador, ou uma moça que cada dia está com um namorado, sou obrigado a concluir que de “águia” os dois não têm nada.

A fidelidade é traço característico das águias de Deus, porque “*Deus é fidelidade...*” (Dt 32:4). Ambos são candidatos a viver nas limitações de um “quintal” espiritual, a menos que se proponham a ser uma águia de Deus, rompendo com a sujeira em que estão metidos.

Galinha é domesticável. Águia não. Ninguém jamais conseguiu condicionar uma águia aos limites de um terreiro e fazê-la acomodar-se a uma vida ao nível do chão. É selvagem por natureza.

Deus quer nos tirar das limitações do “quintal” da derrota e da mediocridade e nos transportar para os penhascos da vitória.

Galinha se reproduz até em chocadeira, de forma artificial. Águia, só segundo os ditames da natureza. Por isso é tão peculiar. Não se reproduz em série. Existe um sem número de espécies de galinha.

A águia é espécie rara.

O destino da galinha, coitada, é a panela ou o espeto. Águia, ao contrário, não é alimento. É devoradora. Está ainda por existir quem saboreie um espetinho de asa de águia.

Galinha é caça. Águia é caçadora. Os israelenses eram proibidos de comê-la (Dt 14:12).

Galinha tem olhos laterais. A águia, não. Seus olhos são frontais.

Galinha só enxerga de dia. Quando o sol se põe, vai para o galinheiro ou poleiro, condenada a virar canja de raposa, cachorro ou gambá. A águia enxerga tanto de dia como de noite.

Águia é vigorosa; galinha, frágil. Facilmente se hipnotiza uma galinha; basta que alinhemos alguns grãos de milho, numa extensão de uns três metros. Ela não consegue pegar sequer um. Fica totalmente desnorreada, estática, tonta. Muitos de nos se deixam hipnotizar por satanás, porque têm visão lateral. Não fixam ambos os olhos em Jesus. Por isso deixam de ser caçadores e se tornam caça.

Galinha é medrosa. Águia é destemida, corajosa.

Quando adoece, a galinha fica de asas caídas, jururu, dependente de socorro. Ninguém jamais viu uma águia doente. Quando debilitada, reúne todas as forças que tem para se refugiar no alto. Não fica por aí à espera de piedade. Autocomiseração não combina com a águia.

Galinha morre cabisbaixa. A águia, quando pressente a proximidade da morte, empreende o último vôo, solitário, e sobe o mais alto que suas forças lhe permitem, para morrer voando. E cai no deserto, em alto mar ou plena selva.

Galinha se alimenta de milho e restos. A águia, do alto, seleciona a presa. E desce como uma flexa sobre ela. Aquela aprecia minhocas, insetos

mortos, fezes, escarros. Esta não toca nada podre ou em decomposição.

“Habita no penhasco... Dali descobre a presa; seus olhos a avistam de longe” (Jó 30:28-29).

“... Voam como águia que se precipita a devorar” (Hc 1:8)

Deus tem, igualmente, o melhor para aqueles que se negarem a ter a visão limitada de uma galinha. Sua promessa é que, se quisermos, e lhermos ouvidos, comeremos o melhor desta terra (Is 1:19).

Mas, infelizmente, há cristãos que só se alimentam de restos. Só comem sobras dos outros, porque não buscam alimentar-se direto da mão de Deus.

Fomos certa vez a uma fazenda, e logo que nos aproximamos de casa vimos ali muitas galinhas, frangos e pintinhos soltos pelo quintal.

Lá dentro, num dos quartos, um homem tossia; aquela tosse seca, angustiante, como se fosse engasgar ou seu pulmão sair pela boca.

Conservávamos animados ali no terreiro, quando o homem chegou à janela, tossiu, raspou a garganta e deu aquela cusparada no chão.

E foi aquela correria. As galinhas se atropelando, bicando umas às outras, para disputar o escarro do velho. Que cena nauseante.

Demos um jeito de sair logo dali e fomos conhecer as demais dependências da fazenda. Mas o pior estava ainda por acontecer. À hora do almoço, sentamo-nos à mesa, e a dona da casa, toda satisfeita disse:

- Olha, preparei umas galinhas caipiras que peguei lá no terreiro especialmente pra vocês.

Nunca vi uma galinha dançar tanto no prato, pra lá e pra cá.

“Deus”, pensei comigo, “que coisa mais degradante é ser galinha. Nem espiritualmente gostaria de ser comparado a uma ave dessas”.

Deus nos fez águia. Será que nos deixamos confinar num terreiro, e estamos assimilando o “espírito galináceo”?

O mundo tenta nos seduzir com seus grãozinhos, suas minhoquinhas, seu lixo, para nos manter presos ao chão, à lama. E muitos de nós têm-se alimentado do seu lixo. É só olhar o que andam lendo e vendo na tv. Mas quem tem a natureza da águia levanta vôo e lá “dos lugares celestiais” escolhe com critério com que se alimentar, porque prefere o cardápio farto e selecionado da verdade de Deus.

Ao contrário da galinha, que faz seu ninho no chão ou numa moita qualquer, a águia constrói o seu lugar inacessível, na encosta de um rochedo,

bem lá no topo, fora do alcance de qualquer predador.

“...remonta a águia e faz alto o seu ninho” (Jó 39:27).

“Se te remontares como a águia, e puseres o teu ninho entre as estrelas...” (Ob 4).

Ninho de galinha é feito de pena e capim. Da águia também. Mas sob o capim e as penas, retiradas do próprio peito, ela coloca uma camada de espinhos.

Nosso “ninho” também tem “espinhos”. Deus os coloca ali para nos incomodar e forçar-nos a voar.

O apóstolo Paulo, por três vezes, pediu a Deus que o livrasse de um espinho, e recebeu a seguinte resposta:

“A minha graça te basta, porque o poder se aperfeiçoa na fraqueza” (2Co 12:9).

E quem era Paulo? Homem cujos lenços e aventais, postos sobre enfermos e pessoas possesas, os curavam e libertavam (At 19:12).

O nosso ninho tem que ter espinhos, para que não nos acomodemos, para que levantemos colocados ali pelo Senhor, que nos impulsionam para o monte da oração, do jejum, do quebrantamento.

É hora, portanto, de sairmos do ninho e aprendermos a voar – com Deus!

Nossa vida se assemelha mais à de uma águia ou à de uma galinha? Com qual nos identificamos melhor?

GALINHA

- Não voam.
- É caça.
- Olhos laterais.
- É alimento.
- Come restos.
- Domesticável.
- Medrosa
- Se sujeita a ficar presa
- Faz seu ninho ao nível do chão.
- Várias espécies.
- Só enxerga durante o dia.
- Ninho: pena e capim.
- Aceita mais de um galo.
- Morre cabisbaixa.

ÁGUIA

- Voam alto, muito alto.
- É caçadora.
- Olhos frontais.
- É devoradora.
- Não se alimenta de nada em decomposição.
- Selvagem.
- Corajosa.
- Não aceita ficar presa.
- Constrói seu ninho nos penhascos.
- Espécie rara.
- Vê durante o dia e durante a noite.
- Ninho: pena, capim e espinhos.
- Só aceita um macho durante toda a vida.

- Morre voando.

Conclusão

No quintal de minha casa havia uma galinha d'agola. Se alguém corresse atrás dela, mesmo que fosse uma crainça, provocava o maior tumulto. A pobre coitada fugia, desnorçada, gritando:

“To fraca, to fraca, to fraca...”

É próprio da natureza da galinha ser fraca, indefesa. Sente-se facilmente ameaçada, com medo.

Já lhe ocorreu, leitor, que existe águia d'angola? Não. Não existe águia temerosa.

A águia é conhecida pela sua intrepidez e coragem. Ela não foge à luta. Não se acovarda.

Não se entrega os pontos ante circunstâncias adversas.

A águia é igualmente símbolo de liberdade. Não se sujeita ao cativo. Morre, mas não fica presa. *“Para a liberdade foi que Cristo nos libertou...”* (Sl 5:1).

Nascemos em Cristo para voar. E voar alto.

À medida que os filhotes vão crescendo, a mãe águia vai retirando primeiro as penas depois o capim, para que os espinhos criem certo desconforto e eles alcem vôo.

Deus age da mesma forma conosco. Quando estamos bem acomodados no nosso ninho, ele, como a águia, retira as penas, as peles, o capim, os gravetos, e permite que os espinhos nos incomodem, para que alcemos vôo.

Quando chega o momento de o filhote aprender a voar, a mãe põe-no sobre a asa, sobe bem alto, e então se inclina, deixando-o escorregar. E lá vai o filhote descendo todo atrapalhado. De repente, a mãe desce como uma bala e posiciona-se abaixo dele para que pouse em suas asas. E repete esse ritual até que o filhote aprenda a voar.

“Como a águia desperta a sua ninhada e voeja sobre os filhotes, estende as suas asas e, tomando-os, os leva sobre elas”, assim o Senhor nos sustenta e, em caso de titubarmos, abriga-nos sob suas potentes asas. Ele está sempre por perto para nos socorrer. Suas asas são sempre o melhor e mais seguro abrigo.

“Cobrir-te-á com suas asas, sob suas asas estarás seguro...” (Sl 91:4).

Oração

Senhor,

*Quero ser como uma águia, quero voar
acima das nuvens, quero habitar nas alturas.*

Meu desejo é ser como desejas que eu seja.

*Libra-me a mente da mediocridade; liberta-
me da visão tacaña, pequena e distorcida que
tenho tido de ti até então. Quero vê-lo como tu és;
como o Jesus ressurreto, poderoso que o apóstolo
João contemplou.*

Renova a minha visão.

*Abra-me os olhos para que eu possa
contemplar tua beleza e majestade.*

*Eu me declaro livre como águia de Deus
para a glória do Pai, do Filho e do Espírito Santo.*

Amém.